

Jung. Conta-se que, mais tarde, ele teria dito a alguém: "Esta noite eu fui analisado, se é que nunca tinha sido antes." Em lugar da convincente exposição que planejara, Jung tinha feito uma pequena demonstração. É concebível que isso possa ter influenciado o que ele disse mais tarde.¹

Mas, em que consistiu essa "pequena demonstração"? Para a testemunha acima citada, ela aparentemente consistiu no triunfo do relacionamento humano sobre as necessidades do poder, triunfo que, a ser correta a sua percepção, é tão dramático quanto raro. E essa demonstração foi certamente mais convincente e memorável do que qualquer coisa que Jung pudesse ter dito.

Na presente era de inflação intelectual, as palavras perderam grande parte do seu poder de persuasão. Mais convincente é o exemplo da vida de uma pessoa. Se um indivíduo vive uma verdade pessoal e ela torna essa pessoa um ser humano melhor, então essa verdade deve ser valiosa.

Em minha opinião, Jung, em pé diante daquele grande auditório, frustrado e mortificado e tendo que "engolir aquilo", tornou-se um exemplo da sua tese primordial, e que é a de que nesta era todo indivíduo consciente é chamado a viver uma vida semelhante à de Cristo; isto é, deve passar realmente pela experiência do poder transformador da derrota ou, em termos religiosos, viver o mito da morte e da ressurreição.

Como conseqüência à tragicômica conferência, tinha sido planejado um banquete para comemorar o encerramento da visita de Jung. Alguns de seus amigos insistiram com ele para que dissesse algumas palavras finais. Nossa testemunha relata que a humilhante experiência de Jung pode ter influenciado seus comentários. Nesse caso, temos uma dívida de gratidão para com aquele inepto operador, pois não chegou até nós nenhuma declaração mais comovente da visão essencial de Jung. Aqui está, em parte, o que Jung disse:

Jesus, como sabem, foi um menino nascido de mãe solteira. Essa criança é chamada de ilegítima, e existe um preconceito que a coloca em posição de grande desvantagem. Sofre de um terrível sentimento de inferioridade que tem certeza de que deverá compensar. Foi esta a razão da tentação de Jesus no deserto, quando lhe foi oferecido o reino. Ele aí se defronta com seu pior inimigo, o demônio do poder; mas ele foi capaz de compreendê-lo, e de recusar. Ele disse: "Meu reino não é deste mundo." Mas de qualquer forma, havia um "reino". E lembrem-se daquele estranho

Consta que a verdadeira frase foi: Meu Deus, meu Deus, quanto te sacrificas!

incidente, a entrada triunfal em Jerusalém. E veio a derrota total na Crucificação, nas trágicas palavras: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Se quiserem compreender toda a tragédia dessas palavras, será preciso compreender o que elas significam: Cristo viu que toda a sua vida, dedicada à verdade segundo a sua mais profunda convicção, tinha sido uma terrível ilusão. Ele a vivera integralmente, com a mais absoluta sinceridade; fizera com honestidade a sua experiência; era, não obstante, uma compensação. Todavia, por ter vivido de maneira tão completa e devotada, ele venceu chegando ao corpo da Ressurreição.

Cabe a todos nós fazer exatamente o que fez Cristo. Devemos fazer a nossa experiência. Devemos cometer erros. Devemos viver nossa própria visão da vida. E haverá erros. Quem evita errar não vive; num certo sentido, pode-se até dizer que toda vida é um equívoco, pois ninguém encontrou a verdade. Quando vivemos dessa maneira, reconhecemos Cristo como irmão, e Deus na verdade se torna homem. Isto parece uma terrível blasfêmia, mas não é. Pois só então compreendemos Cristo como ele queria ser compreendido, como nosso semelhante; só então Deus se torna homem entre nós.

Isto parece religião, mas não é. Falo apenas como filósofo. Há por vezes quem me qualifique de líder religioso. Não sou nada disso. Eu apenas tento compreender...

E, assim, a última coisa que eu diria a cada um de vocês, meus amigos, é: levem a vida como melhor puderem, mesmo que ela se baseie num erro, porque a vida tem de ser deslindada e muitas vezes chega-se à verdade através do erro. Então, tal como Cristo, vocês terão realizado a sua experiência. De modo que: sejam humanos, busquem compreender, busquem o discernimento, e elaborem sua hipótese, sua filosofia de vida. Poderemos então reconhecer o Espírito vivo no inconsciente de cada indivíduo. Tornar-nos-emos então irmãos de Cristo.²

Eu escrevi à margem, depois das seguintes palavras, "Esta é a chave".

Cristo viu que toda a sua vida, dedicada à verdade segundo a sua mais profunda convicção, tinha sido uma terrível ilusão. Ele a vivera integralmente, com a mais absoluta sinceridade; fizera com honestidade a sua experiência; era, não obstante, uma compensação.

Jung está dizendo que, no fim, Cristo viu que toda a Sua vida tinha sido uma compensação para o esmagador sentimento de inferioridade